



Ouro Fino: confiança no futuro

Opatrono da turma de formandos de Engenharia Agrônômica da UNESP Jaboticabal, em 2008, Norival Bonamichi, passou uma mensagem de otimismo aos formandos ao falar dos planos de expansão de sua empresa e da possibilidade de empregar muitos dos que estavam ali.

Norival, um dos fundadores, em 1987, da Ouro Fino Produtos Veterinários, hoje Ouro Fino Agonegócios, se referia à construção da nova fábrica do Grupo em Uberaba. Um investimento de R\$ 100 milhões que deve gerar 350 empregos diretos e mais de mil indiretos, com início de atividades previsto para o final de 2009. Na nova unidade industrial serão fabricados defensivos agrícolas, herbicidas, fungicidas, inseticidas e acaricidas, além de insumos para o processo industrial da cana-de-açúcar.

Na área de saúde animal a Ouro Fino figura entre as melhores do país. Desde 2001 o Grupo cresce média 25% ao ano e não pára de investir, seja em inovação, pessoas ou estruturas.

Sua unidade veterinária na cidade de Cravinhos tem 125 mil metros quadrados, é uma das mais modernas fábricas de produtos veterinários das Américas e atende às principais normas nacionais e internacionais de certificação de qualidade. A mais nova fábrica dentro da unidade veterinária, é a de vacinas para febre aftosa, já aprovada e certificada pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, em fase de registro das vacinas.

Os planos para 2009 estão todos mantidos, assim como os quase 700 postos de trabalho.

A Ouro Fino tem motivos de sobra para manter a confiança. Em 2008 foi eleita uma das 150 Melhores Empresas para se Trabalhar no Brasil, segundo

o Guia Você S/A-Exame. Em outra avaliação feita pelo Instituto Great Place to Work, com sede nos Estados Unidos e escritórios em diversos países do mundo, aparece como uma das cem melhores empresas para trabalhar. A única no setor veterinário.

A pesquisa teve como base informações levantadas com os próprios colaboradores, além de dados fornecidos pela empresa. O Great Place to Work aponta ainda a Ouro Fino como: a 14ª melhor indústria para se trabalhar, 8ª entre as melhores para a mulher atuar, 5º lugar entre as que mais abriram vagas e 16ª em camaradagem.

O reconhecimento tem sido uma constante para a Ouro Fino. O mais recente foi a conquista do Selo Anpei de Empresa Inovadora, concedido pela Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras. 34 empresas foram contempladas com o Selo cujo objetivo é estimular o interesse pela pesquisa e inovação, além de aumentar a competitividade entre as companhias.

A inovação foi uma das apostas que fez com que a Ouro Fino conseguisse

tanto destaque no mercado nacional e internacional. Ela investe 5% de faturamento em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I), tanto dentro de sua própria estrutura, quanto em integração com os principais centros de pesquisas e universidades do País. Essa iniciativa foi decisiva para a conquista de competitividade e dinamismo no mercado. O Grupo mantém 15 convênios com instituições públicas, empresas privadas de pesquisa e universidades privadas. FINEP, FAPESP e BNDS são parceiros frequentes. Mais de 15 desses projetos já foram transformados em novos produtos. A empresa tem 23 pedidos de patente depositados e 2 aprovados.

A fórmula para deixar a crise para fora dos portões da empresa pode ser resumida pela minimização de riscos, investimento em inovação, agregação de valor e pulverização comercial, explica Fábio Lopes, diretor da Ouro Fino, e completa: “nossas fontes de financiamento já estavam asseguradas, agora é trabalhar em busca de novos nichos de mercado com foco na comercialização de vacinas, na linha agrícola e na internacionalização da empresa”.



2008: dois

A té o mês de setembro 2008 foi um ano promissor para muitos setores. Depois disso, resultado da crise internacional, um “peso” a ser carregado em 2009, em 2010... Até quando, ainda não se sabe.

A divulgação da balança comercial brasileira de 2008 confirmou a tendência de queda do superávit comercial, iniciada em 2007, e fechou com o pior desempenho desde 2002. O saldo positivo de US\$ 24,7 bilhões foi 38,21% menor que o de 2007.

Apesar de tudo o agronegócio, mais uma vez, foi decisivo para o fechamento positivo destes números. Alcançou um superávit de US\$ 60 bilhões e respondeu por 36,3% das exportações totais brasileiras. O setor vem mostrando, ano a ano, crise a crise, sua capacidade de resposta, sua competência e sua importância para a economia brasileira.

Participação Institucional

Em 2008 a ABAG/RP continuou o seu trabalho de representação do agronegócio regional. A entidade participa do Comitê Assessor Externo da Embrapa Monitoramento por Satélite e Embrapa Instrumentação Agropecuária, da Abag Nacional, do Instituto para o Agronegócio Responsável (ARES), do Conselho do Agronegócio da FIESP, da Sociedade Rural Brasileira, do Conselho do Agronegócio do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento e de diversas Câmaras Técnicas e Setoriais, estaduais e nacionais.

Conhecimento x Ideologia

No que ano passou a ABAG/RP e a Embrapa Monitoramento por Satélite divulgaram um novo estudo: “Dinâmica Espaço Temporal da Fitomassa e do Carbono Aprisionado pelos Agroecossistemas da Região Nordeste de São Paulo”, mais um complemento do Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste do Estado de São Paulo.

O estudo teve por objetivo quantificar como o agronegócio na região de Ribeirão Preto, em sua dinâmica de ocupação, colaborou e colabora para a remoção de carbono na atmosfera. O trabalho foi feito por meio do levantamento dos valores de fitomassa e carbono em sete culturas: cana-de-açúcar, café, milho, soja, citricultura, pastagens e eucalipto. A base foi a comparação entre os anos de 1988 e 2003. Com imagens de satélite, dados bibliográficos e dados coletados em campo, os pesquisadores da Embrapa quantificaram o carbono retido em cada uma das culturas. A análise revelou um aumento de 60% no carbono imobilizado.



Programa Educacional “Agronegócio na Escola”: Alunos de Taiúva em sala de aula e professores de 29 escolas reunidos para avaliação do Programa

O CO₂ retirado da atmosfera e incorporado na fitomassa das sete culturas passou de 170 milhões de toneladas, em 1988, para mais de 217 milhões, em 2003. Essa retenção é parte de um ciclo e pode servir, por exemplo, como indicador ambiental para cada uma das culturas. A diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, lembrou à época que estes números são respostas concretas para aqueles que apenas acusam o agronegócio de ser vilão nas questões ambientais. Veja no site abagr.org.br a matéria publicada na íntegra e o estudo completo.

Brasil: o agronegócio que impressiona

Para acreditar no potencial do agronegócio brasileiro é preciso conhecê-lo. Por isto não surpreende o interesse de autoridades e empresários internacionais em visitar as principais regiões produtoras do Brasil. Desde sua criação a ABAG/RP tem sido referência para visitantes internacionais interessados no agronegócio da região. Peter Mandelson, Comissário Europeu, Shoichi Nakagawa, Ministro da Agricultura, Silvicultura e Pesca do Japão, membros da OCDE, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, entre tantos outros. Em 2008 a ABAG/RP organizou parte da visita do Subsecretário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Mark Keenum. Antes de se reunir em

Brasília com membros do governo brasileiro para discutir o comércio bilateral entre EUA e Brasil, o Subsecretário fez questão de visitar algumas regiões e conhecer diversas cadeias produtivas. Em Ribeirão Preto a comitiva americana visitou o setor sucroalcooleiro e ficou impressionada com a dimensão do setor e com a tecnologia utilizada.

Água: discussão pelo futuro

Uma das primeiras ações regionais da ABAG/RP, quando de sua instalação em Ribeirão Preto em 2001, foi a participação no Comitê da Bacia Hidrográfica do Pardo-CBH-Pardo. Em 2008 o Comitê teve um ano de muito trabalho em função da cobrança pelo uso da água, prevista para 2010. A futura cobrança exigiu a modernização do estatuto e do Plano de Bacia. A ABAG/RP participou das discussões e da elaboração de trabalhos técnicos para nortear a cobrança. Um trabalho que será desenvolvido em 2009.

Quanto ao Plano de Bacia, que elenca ações até 2019, a principal novidade foi a priorização da recomposição florestal. Isto acontece em função de uma “exigência” da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que mudou as regras de liberação de verbas. Entre os 22 comitês estaduais de bacia, o que tiver mais áreas de proteção terá automaticamente mais verbas. Saneamento básico, por exemplo, terá menos peso na composição da verba em

anos em um



Conhecendo o Agronegócio: Jornalistas participantes do Ciclo de Palestras e Visitas do I Prêmio ABAG/RP de Jornalismo e a comitiva do Subsecretário da Agricultura dos EUA durante visita à região

relação aos anos anteriores. A ABAG/RP defendeu na redação final do Plano a inclusão dos números levantados no Sistema de Gestão Territorial da Região do Nordeste do Estado de São Paulo, no qual a vegetação ripária também é computada na totalização das áreas preservadas, o que aumentou significativamente o cômputo de vegetação nativa.

O Projeto Aquífero Guarani, desenvolvido desde 2003 na região de Ribeirão Preto, e em outras 3 regiões transfronteiriças foi encerrado em 2008. Um estudo profundo sobre o maior Aquífero do planeta, com 1.200.000 km², resultou no desenvolvimento de um modelo conceitual do fluxo de suas águas, num banco de dados e em sugestões para a gestão de uma das maiores reservas de água doce do mundo. Com o fim do trabalho, o Comitê da Bacia Hidrográfica do Pardo ficou como o catalisador das informações e o disseminador das ações na área de Ribeirão Preto. Esse trabalho promete ser intenso nos próximos anos, não apenas pela extensão e capacidade de armazenamento de água do Aquífero, mas pela elevada demanda por água na Bacia do Pardo, região de afloramento e recarga do Guarani.

Programa Educacional

Novas diretrizes da Secretaria Estadual da Educação limitaram o desenvolvimento do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” nos moldes anteriormente praticados. As visitas

monitoradas de professores e alunos às empresas do agronegócio da região foram permitidas apenas em horários opostos aos das aulas.

Em virtude disso, após 7 anos de vertiginoso crescimento, o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” experimentou números mais modestos em 2008. O atraso no início das atividades fez com que das 10 Diretorias que participaram em 2007, apenas 6 permanecessem, com 29 escolas e 4.786 alunos. Em 2008, pela primeira vez a ABAG/RP sugeriu um tema para ser trabalhado: “Agronegócio e Sustentabilidade”, que foi estudado multidisciplinarmente em salas de aula. Entre o material didático distribuído às escolas para o desenvolvimento do tema, estava o vídeo com o mesmo nome produzido pela ABAG/RP para o VII Congresso Brasileiro de Agribusiness. Para 2009 um novo modelo de trabalho está sendo discutido com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para que não haja interrupção neste Programa que já beneficiou cerca de 90.000 alunos.

Valorização da Imagem

A Campanha de Valorização Institucional da Imagem do Agronegócio desenvolvida pela ABAG/RP desde o ano de sua criação, 2001, completou 8 anos. Veiculada nas principais emissoras de televisão da região de Ribeirão Preto, alcança cerca de 120 municípios,

com uma população de quase 4,5 milhões de pessoas. Em 2008 foram exibidos 1021 comerciais institucionais e 919 vinhetas de patrocínio, uma média de 5 inserções por dia. Os programas escolhidos foram em sua maioria de telejornalismo, com as melhores audiências na região. O objetivo da Campanha é mostrar para a população urbana a dimensão e a importância do agronegócio. Para 2009 uma nova fase está sendo preparada. Novas peças de TV e outras mídias já estão aprovadas, e devem chegar ao público em breve. A interação que existe entre campo e cidade, e a presença do agronegócio no dia-a-dia de cada um chegam com cara e roupas novas.

I Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

Com o objetivo de incentivar e reconhecer o trabalho jornalístico dedicado à divulgação de assuntos relacionados ao agronegócio, a ABAG/RP criou em 2008 o Prêmio ABAG/RP de Jornalismo, em duas categorias: Profissional para profissionais atuantes nos 86 municípios da macro região de Ribeirão Preto, e Categoria Jovem Talento, para alunos de jornalismo de faculdades da região.

A inovação do Prêmio foi vincular a inscrição à participação no Ciclo de Palestras e Visitas. Três eventos, que totalizaram mais de 30 horas de atividades foram realizados, mesclando visitas técnicas e palestras com especialistas em diversas áreas do agronegócio.

O Chefe-Geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, Evaristo de Miranda, falou sobre o “Alcance Territorial da Legislação Ambiental – Impactos Sobre a Agricultura”.

Luiz Carlos C. Carvalho, vice-presidente da ABAG Nacional, apresentou as “Tendências da Agroenergia”. O “Agronegócio Brasileiro e as Negociações Internacionais” foi o tema abordado por André Nassar, Diretor Geral do Ícone, Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais. Meire Ferreira, Superintendente do Ares, Instituto para o Agronegócio Responsável, falou sobre “Agronegócio e Sustentabilidade”.

Na Categoria Profissional foram três modalidades premiadas: TV, Jornal e Revista. Na Categoria “Jovem Talento” foram duas modalidades: “Impresso” e “Vídeo”. No site da ABAG/RP estão todos os detalhes da primeira edição do Prêmio.

O II Prêmio ABAG/RP de Jornalismo será lançado em breve, com novidades.

São José da Bela Vista: semeando tempos melhores

Foto: divulgação Prefeitura

Foi no final do século XIX, com o início do cultivo do café no Norte do Estado de São Paulo, que muitas famílias foram atraídas para a região onde hoje se situa São José da Bela Vista. Das pequenas comunidades surgiu o patrimônio de São José das Pitangueiras, entre os Ribeirões Buritis e Lageado. A data de fundação do povoado, 19 de março, dia santificado a São José, deu origem ao nome de São José, o Bela Vista veio depois, uma alusão à área, praticamente plana, de onde se avistavam longas distâncias. Desmembrada de Franca em 1948, São José da Bela Vista foi elevada a distrito no ano seguinte.



Foto aérea da região central de São José da Bela Vista

Hoje São José da Bela Vista tem cerca de 8.500 habitantes, é considerada uma cidade dormitório, já que sua proximidade com Franca, 30 quilômetros, e com outras cidades inibiu o surgimento de indústrias e limitou o comércio local. Além disso, o trabalho no campo, o maior empregador, não atrai os mais jovens. A falta de emprego na cidade não chegava a ser um problema, pois havia sempre vagas nas indústrias calçadistas e nas agroindústrias de outras cidades, mas com a crise e as demissões em larga escala, São José da Bela Vista começa a buscar outras alternativas.

O prefeito que assumiu no início de janeiro tem o perfil da maioria dos prefeitos eleitos na região, pouco mais de 50 anos e agricultor. José Benedito Barcelos nunca foi político. Era um cidadão inconformado com a situação de sua cidade, e diz que saiu do desafio da agricultura para assumir um ainda maior, a administração pública.

Eleito com 40% dos votos, em menos de três meses de trabalho diz que já conta com a confiança da maioria da população. 81% acreditam que ele vai resolver os problemas da cidade. E problema é o que não falta.

Para começar, na área da saúde não havia médico na cidade. Os moradores eram atendidos em Franca. 5 ambulâncias faziam, cada uma, de 7 a 10 viagens por dia. O custo desse “remendo”: combustível, horas-extras, desgaste do veículo, pagamento à Santa Casa de Franca, entre outros, era maior do que contratar médicos plantonistas. Um convênio feito com uma Cooperativa de Serviços Médicos garante, por R\$ 1.200,00 por dia, assistência profissional nos três períodos em São José da Bela Vista. Além disso, foram

contratados especialistas: um cardiologista, um ginecologista e um pediatra que atendem uma vez por semana. Um antigo posto de saúde está sendo transformado em Santa Casa. O estatuto e o registro estão prontos. Falta o reconhecimento do Ministério da Saúde.

Na área da educação, mais trabalho. As notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos alunos do 1º ao 5º ano da cidade são as piores da região, segundo a administração local. Os estudantes da escola municipal ingressam no 6º ano na rede estadual, muitas vezes sem saber ler ou fazer contas satisfatoriamente. Mesmo assim, sobrava dinheiro da educação. Como a verba do Fundeb não pode ter outro destino que não a educação, o que “sobra” costuma ser rateado entre os funcionários e os professores. Em 2008 sobraram R\$ 220.000,00, que renderam cerca de R\$ 9.000,00 para cada um, contou o prefeito. Mas o dinheiro será mais bem

usado. A prefeitura abriu concurso para 66 vagas na educação, para professores assistentes e funcionários administrativos. Cada classe terá dois professores para atender melhor aos alunos. No futuro o plano é melhorar a estrutura física das escolas e creches.

Da infra-estrutura local, a rede de tratamento esgoto, com 100% coletado e tratado, feita há 4 anos pelo governo estadual, é o único motivo de orgulho. Dois bairros não têm asfalto, e onde ele existe os bu-

racos tomam conta. Água é um problema sério, não há com qualidade nem em quantidade. O abastecimento é interrompido antes da hora do almoço e só restabelecido depois das 5 da tarde. Ninguém paga pela água. Os hidrômetros estão desativados nas casas. Como cobrar se não há qualidade? Está é a dúvida do novo prefeito. Sem aterro sanitário, a cidade paga R\$ 7.000,00 por mês para depositar seu lixo no município de Guará.

Não bastassem estes problemas, a arrecadação caiu. Dependente do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), a cidade perdeu R\$ 40.000,00 de repasse no mês de janeiro, 1/6 do total, devido à diminuição na arrecadação federal.

Mas o prefeito agricultor é um batalhador, um otimista. Já mudou o rumo de alguns setores. Conseguiu a construção de 150 casas populares e verba para a construção de um centro de convivência para idosos. Está negociando a efetivação de um delegado na cidade; e a compra de terreno para a construção do aterro sanitário. Alugou um antigo barracão e está subsidiando o aluguel de bancas de pesponto de sapatos para os empresários que quiserem se instalar na cidade. O plano é, no futuro, ter um mini distrito industrial. Segundo o prefeito agricultor é mais um ciclo: jogar a semente no chão, cuidar, mas também torcer para “ter sol e chover na hora certa”.

